R E S E N H A S

O CONCÍLIO VATICANO II E A MODERNIDADE RELIGIOSA EM PERSPECTIVA

LINDEN, Ian. *Global Catholicism*: diversity and change since Vatican II. London: Hurst Publishers, 2009. 337 p.

A Igreja Católica é uma instituição que atrai boa parte dos pesquisadores em sociologia da religião. Uma das razões para esse fascínio pode estar em sua ampla capacidade de lidar com as próprias divergências internas e com aquelas que lhe chegam a partir das mais diversas sociedades. Essa habilidade perfaz o caráter universal da Igreja e sua dimensão instigante.

Nesta direção está o caminho que o livro de Ian Linden vai percorrer. O autor é ex-diretor do Instituto Católico de Relações Internacionais e atual professor associado at SOAS (School of Oriental and African Studies), University of London.

Linden retrata a Igreja de um modo que expõe as fragilidades e fortalezas desta instituição, assim como sua interlocução nem sempre pacífica com o mundo moderno. Este parece ser o eixo principal do livro, composto por dez densos capítulos que contemplam as transformações da Igreja em vários continentes. O autor analisa com acuidade o que poderíamos denominar de maior evento histórico de transformação do catolicismo na modernidade, o Concílio Vaticano II e sua repercussão mundial.

O Concílio Vaticano II abrangeu não apenas a Igreja européia, mas foi uma construção que pôde contar com as mãos de leigos e clérigos no ocidente moderno. A abrangência do Concílio mereceu do autor uma abordagem igualmente vasta e este é um dos principais méritos do livro. A contextualização histórica e política surpreendem pelo nível

de detalhamento e pela inclusão dos principais atores envolvidos com o tema em destaque.

O livro traz uma breve autoapresentação do autor a partir da qual o leitor fica situado em relação a perspectiva analítica da obra. Profundo conhecedor da Igreja Católica, por pesquisas e por inserção, Linden pode ser caracterizado como um intelectual orgânico nos termos Gramscianos.

A Igreja Católica precisa ser compreendida por sua constituição não monolítica. Desse modo, no início do trabalho tem-se a apresentação da Igreja como composta por quatro modelos: o primeiro explicitaria a Igreja dos Batizados; o segundo, a Igreja autorepresentada, como ela se vê e se apresenta ao mundo; o terceiro contemplaria os aspectos burocráticos e institucionais da instituição e o quarto, seria a Igreja tal como é percebida pelo mundo, pelas diversas sociedades. A partir dessas considerações Linden quer assegurar o caráter múltiplo e complexo da constituição do Concílio Vaticano II, formado a partir de plurais percepções de Igreja e por vários atores em distintos contextos sócio-históricos.

Para apresentar com mais propriedade o que foi o Concílio Vaticano II e o processo de modernização do catolicismo, o autor analisa brilhantemente os antecedentes históricos e culturais que propiciaram a consolidação deste evento. Para isso, trabalha no primeiro capítulo do livro o que denominou de *legado do anti-modernismo* analisando o contexto da França anticlerical e as reações da Igreja Católica a essa tendência oriunda da Revolução Francesa. A Igreja Católica na Europa liberal é crítica a todo tipo de "ismos", mas o modernismo foi o mais rejeitado pela instituição nos séculos 18 e 19. Nesta parte do livro o autor faz uma minuciosa análise do desenvolvimento das críticas da Igreja ao modernismo por meio de vários documentos eclesiais. Linden relata, por exemplo, que em 1910 o modernismo foi denominado por Pio X de " receptacle of all heresias".

A postura e o papel dos papas que antecederam o Concílio e dos papas João XXIII e Paulo XVI é tratada no livro com grande propriedade. A riqueza de detalhes e a revelação do que seriam os bastidores do Concílio deixa o leitor com pouco fôlego e ávido por adentrar nas tramas de uma história real.

Os quatro primeiros capítulos do livro trabalham em detalhes os conflitos e ambigüidades de posições dos clérigos em relação aos rumos do Concílio Vaticano II, bem como a relação dos eclesiásticos com o mundo

moderno. O combate à nova teologia empreendida, sobretudo pelos teólogos franceses, e a necessária abertura ao pluralismo das sociedades colocavam a Igreja numa atitude de queda de braço. Linden analisa detidamente as contribuições dos dominicanos e jesuítas na formulação da nova teologia.

As contra-correntes e as tendências mais liberais dentro do episcopado mundial são trazidas de modo a deixar o leitor bem informado sobre bispos e teólogos que tiveram grande influência na transformação do pensamento da Igreja. A secularização de Jackes Maritain, o ecumenismo do dominicano francês Yves Congar, o humanismo cristão de D. Helder Câmara, são alguns dos exemplos das diferentes correntes que balançavam o neo-escolasticismo. Embora muitas figuras masculinas sejam lembradas, o autor dá destaque para a renovação da vida religiosa feminina, sobretudo nos USA, por meio da Sister Formation Conference, fundação criada pela religiosa Mary Emil Penet na última década anterior ao Concílio.

A partir do quinto capítulo o autor se dedica à análise das imbricações políticas e religiosas nos países situados fora do continente europeu que tiveram também lugar nas reflexões conciliares. São analisadas ainda as configurações da missão católica no início do século XX também na Nova Zelândia e na América Latina. Ao mesmo tempo o autor empreende uma detalhada análise dos conflitos da Igreja no Chile e na América Central. Grupos como os *Christians for Socialism* criado nos primeiros anos após o Vatican II mereceram destaque na análise de Linden. Impressiona como o autor trabalha as perspectivas dos atores envolvidos como se estivesse ele mesmo presente nos eventos. A relação entre Igreja chilena e o governo Allende não são negligenciadas em sua elaboração analítica.

Não há como analisar o Concílio Vaticano II, ocorrido nos anos 1962-1965, sem a ele relacionar o fundamental papel da Igreja da América Latina com a emergência da teologia da Libertação que aflora sob o temor do comunismo. O livro dedica um capítulo a esse tema: a Igreja dos pobres na América Latina. Aí são analisados o papel da Ação Católica, da juventude militante e a opção pelos pobres que se institui como um lema no período conciliar de *aggiornamento.*A análise de Linden é crítica e demonstra como o continente marginalizado enfrentou resistências também diante das prioridades conciliares ou do que seria um viés temático europeu. Naquele período, as viagens dos papas não

eram freqüentes e a América Latina aparecia como um continente longínquo, analisa Linden. A experiência dos padres operários na França tinha suscitado resistências e tinha sido até mesmo condenada por Pio XII, mas os ideais e as práticas da pobreza por parte do clero e das religiosas permaneceram apesar de tudo. Esse era um tema candente que não seria ignorado na fase conciliar e pós-conciliar.

O livro sela de forma inexorável as interações entre religião e política. O autor constata, com certo pesar, que o apartheid na África do Sul foi praticamente ignorado pelo Concílio. Contudo, o envolvimento de clérigos e religiosas na defesa dos direitos humanos e o apoio e solidariedade prestados aos militantes africanos ilustram que os modelos de Igreja apresentados inicialmente por Linden são procedentes. Um dos personagens mais contundentes na luta contra a segregação racial foi o arcebispo Denis Hurley, fortemente mencionado em toda a análise de Linden sobre esse contexto sociopolítico. A Igreja não se reduz e nem se abre ao mundo apenas por meio de suas formulações doutrinárias, mas antes pela prática de seus adeptos que forçam constantemente a revisão da tradição.

As Filipinas e a África do Sul são analisadas em um mesmo capítulo e se constituem como um exemplo da construção de uma crítica ética das condições social, econômica e política de determinadas sociedades. A análise do autor privilegia a rejeição desses países a todo tipo de imposição cultural.

A Igreja se sustenta por sua primordial capacidade de conjugar disciplina com alteridade e adaptação, mesmo que esse movimento não ocorra linearmente e sem conflitos. Assim, embora todo o livro tenha como premissa a dimensão globalizante do catolicismo, a análise sobre o fenômeno da globalização e o relacionamento entre cristianismo e cultura em nossa época é feita pelo autor a partir do capítulo nove quando então é discutida a tão conhecida vertente cristã denominada inculturação. Contudo, dessa vez, o foco é o Islam.

Nada parece fugir à perspicaz análise de Linden que situa o leitor sobre as tensões do catolicismo na Índia convivendo com a religião Hindu e a sociedade de castas. Essa prática coloca em pauta as várias abordagens sobre as culturas e sua autenticidade diante da mensagem cristã. Assim, a globalização intensificou o debate entre universalismo e particularismo na medida em que as identidades nacionais manifestam-se diante de um monstro que as deseja engolir. A situação das Igrejas locais é olhada com desconfiança e certa ambigüidade por Roma. Nessa direção

Linden relembra as declarações do então cardeal Joseph Ratzinger – atual Bento XVI- já na década de 1990 quando atuava na Sagrada Congregação para a doutrina da Fé e advogava que o Cristianismo seria em si mesmo uma cultura.

A análise do autor vai cobrir ainda os anos do papado João Paulo II e sua incursão pelo mundo. Linden finaliza seu livro revendo sua metáfora inicial sobre os quatro tipos de Igreja Católica reduzindo-os para apenas dois tipos: a Igreja como ela é em sua fragilidade humana e a Igreja com seu desejo de ser uma construção teológica.

A leitura é indispensável por trazer contribuições interdisciplinares favorecendo as áreas de sociologia, teologia, história e ciência política.

SÍLVIA REGINA ALVES FERNANDES
Doutora em Sociologia. Professora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
E-mail: fernandes.silv@gmail.com